

# MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Abifarma 50 anos: Indústria Farmacêutica e Cidadania (ATD)

## Treinando pessoas para ajudar

História de [Maria José de Nazareth](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 00/00/0000

---

Abifarma 50 anos

Depoimento de Irmã Maria José de Nazareth

Entrevistado por Karen Workman

Local de gravação: Aliança de Tocantins

Aliança do Tocantins, 14 de maio de 1997.

Realização Museu da Pessoa

Código do depoente: APD\_HV048

Transcrito por Luciana Tosetti e Paulo Tosetti

Revisado por Fernanda Regina Ferreira

P/1: Qual o seu nome completo?

R: Eu me chamo Maria José de Nazareth.

P/1: A senhora nasceu aonde?

R: Eu nasci em Bonfim de Minas Gerais, em 5 de fevereiro de 1935. A gente ficou em Minas durante dezessete anos. Com a idade de dezessete anos, papai e a família mudaram para Goiás. Fiquei em Goiás, morando em Goiás, trabalhando. A gente estudou também em Goiás, até 93, mais ou menos.

P/1: Vamos voltar lá pra trás, um pouquinho. Me fala o nome do seu pai e...

R: Ah, o papai se chamava Don Joaquim Fernandes. E a mamãe Maria da Trindade Fernandes.

P/1: E o seu pai trabalhava em quê?

R: O papai era pequeno produtor rural. Tinha uma pequena fazenda. E tinha um comércio, na cidade, também.

P/1: E a sua mãe?

R: Mamãe é Maria da Trindade Fernandes, a profissão dela, que ela gostava muito, tinha amor mesmo, era costureira profissional.

P/1: O que ela fazia?

R: Ela costurava para as pessoas. Fazia vestido. Até vestido de noiva ela confeccionava! Fazia de tudo. Ela costurava na máquina. E...

P/1: E a senhora... Fala.

R: (riso) E com ela eu aprendi também, assim, muitas habilidades: bordar, costurar, cozinhar, fazer doce. Mamãe era muito dinâmica, muito alegre, cheia de vida. E ela passava assim pra gente esse dinamismo dela.

P/1: A senhora teve quantos irmãos?

R: Oito irmãos. São todos vivos.

P/1: E homens?

R: Quatro homens e quatro mulheres. São vivos, fortes e saudáveis.

P/1: Como eles chamam?

R: Se chama Luiz, Antônio, José, Vicente, Darci, Geraci e Maria Geralda. Comigo, Maria José, oito.

P/1: A senhora era a mais velha, mais nova?

R: Eu sou a do meio.

P/1: Ah, bem do meio?

R: Do meio, certinho. Quatro mais três. Tem quatro acima de mim e três abaixo de mim.

P/1: E como era, do que a senhora se lembra: a sua casa era muito cheia?

R: É, toda a vida nossa casa foi muito frequentada, assim por amigos, pessoas que iam procurar a mamãe para costurar. Papai, toda vida, teve muito amigos. Meus irmãos muita amizade, também. Então, o tempo que eu passei na minha casa, antes de entrar para o convento, foi um tempo muito feliz. A minha infância, a minha juventude, foi muito bem aproveitada.

P/1: A casa era na cidade?

R: A nossa casa era na periferia da cidade, saindo da cidade já ficava a nossa casa. Era uma casa muito grande, muito confortável, com um pomar grande.

P/1: E Bonfim era uma cidade grande?

R: Bonfim era uma cidade, mais ou menos assim, de uns 40 habitantes.

P/1: 40 mil habitantes?

R: 40 mil habitantes.

P/1: E a sua casa era na saída?

R: É, mas dentro, mas era na periferia.

P/1: E o seu pai era pequeno agricultor perto dessa casa?

R: Não, era mais ou menos uns cinco quilômetros de lá.

P/1: E como era a educação de vocês? Quem era mais rígido? Era rígida, era muita disciplina?

R: Tanto o papai como a mamãe, eles eram assim dóceis para estar com a gente, mas muito severos.

P/1: E como era essa severidade? O que era?

R: (riso) Nós tínhamos os limites para brincar, para falar, para estar com as pessoas. Aquele sistema antigo, né, de respeitar as pessoas mais velhas, não podia levantar a voz com eles. Tinha... Tudo metódico. O trabalho, as tarefas de cada um para fazer. Quem ia pra escola, o outro ficava trabalhando no lugar dele. Quando aquele chegava, o outro ia pra escola, a gente ficava. Então era sempre assim. E, por causa dessa severidade dos meus pais, eu acredito que tem muita influência na nossa vida. Nossa vida, assim, no comportamento de cada um. Nessa vida que nós levamos hoje. Nós somos muito unidos, todos. Todos são casados e levam a vida feliz, também. Tem boas esposas, bons esposos. Eu acredito que, além de ter a benção de Deus de modo especial, a gente acredita que depende muito da constituição familiar. Esse tipo de vida, nossa família... Porque, muitas vezes, os amigos do papai diziam que gostariam de ter uma família igual a dele, dizia para o papai. Que a família dele era uma família modelo. O papai se orgulhava disso. Mas nem com isso ele não ia ser mais rígido conosco. Ele gostava, mas ele dizia que na

hora certa, ele repreendia na hora certa, mas ele era amigo também, nas horas que a gente precisava.

P/1: Mas, por exemplo, o que as meninas tinham que fazer, o trabalho em casa?

R: Nós não tínhamos empregadas, então nos é quem olhávamos toda casa. E fazia datilografia, era pertinho a datilografia. Ia pra aula de bordado, perto. Outros iam praticar esporte. Então era esse entra e sai, né?

P/1: A educação era igual entre menino e menina?

R: Os meninos sempre são mais folgados (riso).

P/1: (riso).

R: A gente não. Os meninos eram mais folgados. Eles iam pra aula, depois da aula tinha futebol, depois do futebol, às vezes, saía com os amigos. Ajudava o papai também, mas só mais nos finais de semana e férias, que ajudava o papai.

P/1: E quem fazia, por exemplo, arrumar o quarto dos meninos?

R: Sempre a mais velha, né? (riso). A irmã mais velha. Ou então as outras também. Quando a gente ia arrumar a casa, uma semana uma que era responsável pela limpeza, outra responsável pela cozinha, outra responsável pra ajudar a mamãe arrematar costuras, outra era responsável pela horta. Depois ia trocando a semana.

P/1: As meninas, então, trabalhavam o tempo todo?

R: Sim. Eles trabalhavam também. Eles ajudavam.

P/1: Na casa não?

R: Não, mas algumas coisas assim que tinha que fazer. Fazer compras, levar um recado, buscar alguma coisa, ir com papai, ajudar o papai. Eles estavam sempre prontos também. Nós éramos muito unidos (pausa). A gente tinha sempre hora para brincar todos juntos. Porque naquele tempo a gente não dispunha de televisão, né? Não tinha televisão lá, ainda. Era mais rádio, que nós tínhamos. Então sempre tinha tempo pra brincar juntos. Brincar, fazer brincadeiras, os meninos, nós, os vizinhos, sabe? Era gostosa a nossa vida. Nós tínhamos um pomar muito grande na cidade e outro na roça. Pomar, sabe?

P/1: Com frutas?

R: Fruta, fruta. Então nunca faltou fruta. O papai, nós... Olha, eu dizer a verdade pra você, eu nunca soube o que é passar fome, como eu vejo aqui. Eu tenho pena do povo daqui, sabe? Em Minas, eu não sei, o povo lá é diferente.

P/1: É?

R: É diferente. Até o modo de criar, a educação, a disposição, né?

P/1: Esse jeito de criar, rígido, tudo ordenado, e as tarefas, era da sua família ou de todas as famílias?

R: Não, todas as famílias eram assim. Umas mais, outras menos, né? Depende das características de cada um, né? Tem pessoas que são mais suaves, outras mais severas. O pai era muito assim, severo.

P/1: Ele batia em vocês?

R: Às vezes (riso).

P/1: É? Com aquela vara de marmelo?

R: É, aquela mesmo! (riso).

P/1: Mas por quê? Tinha alguma razão?

R: Isso é quando nós brigávamos entre nós. Porque, às vezes, a gente brigava. Aí... Mas não era muito frequente, não. Era vez ou outra, quando ficava desobedecendo. Ele prometia, né? "Cuidado, menino. Cuidado!" Aí a gente não obedecia...

P/1: Se não obedecia, ele...

R: Aí, descia a vara (riso).

P/1: E a sua mãe, ela era brava também?

R: Mamãe era mais serena, calada. Mas ela não ia contra o papai, nas ordens de papai, não.

P/1: Quem mandava mais na casa?

R: Na parte da mamãe, era ela. Na parte do papai, era ele. Não tinha assim... Os dois, dizer a verdade pra você, nunca ouvi papai e mamãe discutir, assim, brigar. Brigar, você entende? Nunca nós ouvimos. Em nossa vida isso não teve. Não aconteceu.

P/1: Mas, por exemplo, quando alguém queria fazer alguma coisa: "Eu quero sair." Quem é que...

R: Que determinava?

P/1: É.

R: Era o papai. Se fosse um passeio perto, que a gente ia assim com pessoas de confiança, um lugar de confiança, aí não tinha importância, mamãe mesmo determinava. Mas se fosse um passeio longe, que dependesse, às vezes, até de pousar por lá, e que ela não sabia com quem que a gente ia, aí então o papai que decidia.

P/1: E quem cuidava das contas da família? O dinheiro que entrava, quem usava o quê?

R: Mamãe dava a relação do que ela gastava para o papai. O dinheiro ficava com ele.

P/1: Ah, ficava com ele?

R: Ficava com ele. Agora, o que ela recebia, ficava com ela, ela deixava lá, em comum. Em comum porque era o papai mesmo que manuseava, nós não pegávamos. Só quando ela mandava.

P/1: Isso o dinheiro dela?

R: Dela. Dela ela deixava lá no armário. A gente, às vezes, ia lá, contava quanto que tinha. Mas nós nunca pegávamos. Era acostumado assim. Nós não sentíamos necessidade de comprar. Não é como hoje, que tem tudo.

P/1: Vocês recebiam mesada?

R: Não, nós não tínhamos mesada, não.

P/1: Mas vocês não precisavam? Depois que estavam maior, queriam ir ao baile, ou alguma coisa, como é que fazia?

R: Não, aí quando eles não tinham o dinheiro deles, os meninos... Porque eu nunca fui em baile.

P/1: Não?

R: (riso) Aliás, já fui, mas só que eu não dançava. Mas depois eu vou explicar o porquê. É o seguinte: na minha cidade, é muito religiosa, onde a gente nasceu. E eu sempre acompanhei grupo de jovens dentro da Igreja. Então, no início, tinha aquelas associações infantis, e a gente ia passando de uma pra outra. E o padre sempre acompanhando. Naquele tempo era diferente de hoje, né? Então a gente, desde de criança, eu pertencia a Cruzadinha. Depois da Cruzadinha passou pra outra associação. Depois quando a gente ficou jovem também, eram filhos de Maria, grupo de jovens. E era proibido, pelo padre...

P/1: Ir pra baile?

R: Proibido, pelo padre. No meu tempo não podia.

P/1: Sua mãe era muito religiosa?

R: Mamãe, sim.

P/1: E o seu pai também?

R: Também. Amicíssimo do padre, sempre na Igreja, participando de tudo. Meus irmãos também.

P/1: Vocês iam à missa?

R: Sempre!

P/1: Todo domingo?

R: Todo domingo. Nós íamos,...

P/1: E antes de comer, rezavam?

R: ... Nós íamos a missa, na catequese. As festividades que tinha na Igreja, nós estávamos sempre nela.

P/1: Agora alguém, seu pai, sua mãe, ou algum dos seus irmãos, participavam de alguma organização pra Paróquia? Organizava quermesse?

R: Sim. Papai, na época da festa de Senhor do Bonfim, sempre oferecia reis de leilão. Papai conversava com o padre, se ele precisasse de alguma coisa que era só falar que ele ajudaria. Era muito amigo do papai. Sempre ia lá. E ajudava também assim, fornecendo leilões. Mas nós nunca colocamos uma quermesse lá dentro, assim uma barraca. Nós participávamos assim, indo, participando dos movimentos religiosos, daquela festa ali, durante o dia, a noite, aquela vai e vem de pessoas.

P/1: E os movimentos, a senhora participava ou todos os seus irmãos?

R: Todos.

P/1: Mas...

R: Não, as associações de dentro da Igreja eram só nós, meninas. Os meninos, não.

P/1: Os meninos não?

R: Não. Eles não gostavam. A mamãe também não obrigava, não.

P/1: As meninas sim?

R: Sim. Elas mesmas queriam ir, gostava, achava bonitinho o uniforme, né? Tudo uniformizado.

P/1: Aí a senhora ficou mais ligada a isso, ou todas as suas irmãs? Quando que a senhora decidiu, por exemplo...

R: Eu acredito que uma parte continua, outra não. Porque, na medida em que cresce, né, já são mais livres, já vão fazer o que pensa, o que quer. E tem aqueles que vão a missa mesmo, dominical, né? E tem aqueles que nem lembra de... Eu tenho irmãs que, até hoje, de dentro da Igreja, muito religiosa. Tem outras também que só vai uma vez ou outra.

P/1: A senhora, então, tem três irmãs, né?

R: Eu tenho três irmãs. De família. E tenho quatro irmãos.

P/1: E aí a senhora resolveu dedicar sua vida a isso?

R: Vida religiosa.

P/1: Quando foi que a senhora tomou essa decisão?

R: Eu entrei para o convento em 56. Quando nós mudamos para Ceres, nós viemos pra Goiânia, ficamos em Goiânia.

P/1: Então, com 17 anos, sua família toda mudou?

R: Mudou pra cá. Nós chegamos a Goiânia, ficamos um tempo lá, até alguém terminar os estudos, depois nós mudamos pra Ceres. Em Ceres tinha um hospital com muitas Irmãs, e o colégio também. E como a gente era acostumada a frequentar a Igreja, a gente fez amizade com elas, e elas me convidaram para eu entrar para o convento. Eu fui, senti feliz, me dei bem, e estou até hoje assim, trabalhando para o Reino de Deus, na evangelização, com os pobres, com as pessoas mais necessitadas. Mas, antes, eu fiquei em Goiânia fazendo faculdade. Eu estive em São Paulo, três anos, fazendo técnico. Depois que a gente veio.

P/1: Espera aí. Vamos voltar. Quando a senhora tinha 17 anos, todo mundo saiu...

R: Nós mudamos pra cá.

P/1: ...De Bonfim e veio pra Goiânia?

R: É para Goiânia.

P/1: Para Ceres?

R: Não, eu vim para Goiânia, mesmo.

P/1: Por quê?

R: Porque nós tínhamos muitos parentes aqui e nos convidavam pra vir. Aí o papai estava, decidiu de vir, ficar perto dos amigos, dos parentes dele. Irmã, irmão, cunhado.

P/1: Por que, a família dele era daqui?

R: É. Não, mudaram pra cá.

P/1: Mudaram?

R: É, mudaram pra cá. E o papai veio também.

P/1: A senhora sabe por que mudaram pra cá? O seu avô era de onde?

R: Eu não conheci o vovô. Foi papai mesmo. Nós éramos de Minas, mesmo.

P/1: De Minas. Eles é que decidiram vir pra cá?

R: É. Quando Goiás estava começando houve muita essa imigração de pessoal das cidades grandes, igual Palmas, né? Palmas tem muita gente da cidade grande que se imigra pra lá, né?

P/1: Hum, hum

R: Para Palmas, para Tocantins. E aconteceu de Minas para Goiás. Enquanto a gente estava em Goiânia, eu fiz um curso de técnica de enfermagem, em São Paulo, durante três anos. Depois a gente voltou para Goiânia.

P/1: A senhora foi sozinha para São Paulo?

R: E outras Irmãs da Congregação.

P/1: Ah, a senhora já tinha entrado para o convento?

R: Sim, já. Aí, chegando a Goiânia, eu pedi para continuar os estudos, e eu fiz o curso superior na Faculdade Católica de Goiânia.

P/1: De enfermagem?

R: De enfermagem. Daí nós mudamos pra Ceres. A família minha mudou pra Ceres, e eu fui também para o hospital. A gente, como religiosa, a gente não tem lugar, né? É onde a Congregação manda, onde é solicitado que a gente vai.

P/1: Então, a sua família foi pra Ceres e a senhora foi também?

R: Um pouco. Fiquei lá só dois anos, depois voltei pra Goiana. Em Goiana eu trabalhei no Hospital São Francisco de Assis, trabalhei no INPS, fiz o curso de Saúde Pública. Inclusive, quem deu pra nós as palestras, foi gente de Brasília. Nossos professores, todo o curso, foram seis meses, foi todo assessorado pelo pessoal de Brasília.

P/1: E aí a senhora começou a fazer um trabalho sempre na área de saúde?

R: Na área de saúde, sempre.

P/1: Em hospitais e tal?

R: É, em hospitais, mais em hospitais, trabalhei também nos abrigos, assim conveniado, trabalhei em abrigos. Eu gosto, sempre gostei desse trabalho, e eu me dou bem.

P/1: E aí como é que foi que a senhora começou a trabalhar com isso, com Saúde Pública mesmo, saindo de Hospital Medicina Preventiva?

R: Quando eu fiz o curso de Saúde Pública em Goiana...

P/1: Isso foi quando?

R: Foi em 83, me parece que foi em 83. 81, 83 por aí, não me recordo bem quando. Então, a gente já começou a trabalhar nas periferias, sabe, ir para as periferias, fazer estágio, depois dos estágios eu continuei dando assistência, assistência religiosa, mas complementada com orientação da saúde para o pessoal de periferia, daqueles bairros mais pobres. Tinha um convênio da LBA que fornecia assim o material, pra gente dar cursinhos, e eu dava esses cursinhos nas periferias para o pessoal. Curso de gestante, palestra sobre higiene e saúde de um modo geral, verminose. Porque a periferia, em geral, é a que é mais necessitada.

P/1: Hum, hum..

R: Depois a gente veio aqui pra Tocantins eu fui convidada a participar, a ser coordenadora do PACS pelo Secretário da Saúde daqui.

P/1: Quando foi isso?

R: Em 95, segundo semestre de 95.

P/1: Quer dizer...

R: Sim a comunidade, quer dizer três irmãs religiosas, nós viemos. Fomos convidadas pelo bispo pra trabalhar aqui em Aliança...

P/1: Em Aliança, direto pra Aliança?

R: Em Aliança. Nós tínhamos casa em Formoso e aqui. Primeiro, viemos pra Formoso, em 86. Fundamos uma comunidade em Formoso, ficou até esse ano.

P/1: E aí ficaram algumas irmãs lá?

R: Lá em Formoso três irmãs, em Formoso também. No tempo do projeto em Formoso. E pra aqui as irmãs vieram em, eu não me recordo bem.. Então as irmãs vieram para Formoso em 86, no final do ano, em 86, e aqui para Aliança em 91...

P/1: Que aí a senhora veio também em 91?

R: 91, 92? Não, não, eu vim agora em noventa e...

P/1: Cinco?...

R: 95.

P/1: A senhora estava em Formoso até 95?

R: Não. Eu vim de Goiana.

P/1: De Goiana?

R: É, vim de Goiana.

P/1: Aí, a senhora veio convidada pelo bispo pra Aliança?

R: As irmãs que transferem. O bispo faz o pedido pras irmãs, e a gente que... Aquelas que querem, que desejam, não são obrigadas a vir.

P/1: E a senhora tinha interesse em vir trabalhar aqui?

R: Sim, conhecer um novo estado.

P/1: Era isso? O que que atraiu a senhora pra vir pra cá?

R: Primeiramente, as irmãs eram só uma comunidade que tinha aqui e todas as vezes que nós tínhamos reunião, elas se queixavam de estar só. E passava também, alguns filmes pra gente sobre, como o povo vive aqui, sabe? A gente via aquela pobreza, aquela carência, essas casas de palha, essas criança andando de pé no chão. E lá em Goiana, tem, mas nem tanto. A periferia lá não é... E isso me tocou assim profundamente e eu me ofereci pra vir também. Para ajudar.

P/1: Aí a senhora chegou aqui em 95...?

R: É, assim que eu cheguei, eu fui convidada, estava implantando o PACS aqui, nós não tínhamos enfermeiras disponíveis, nós só temos aqui duas enfermeiras que é a do hospital e eu. Então fui convidada para trabalhar no PACS. E nós trabalhamos para a implantação, e foi implantado em novembro de 95.

P/1: Como que foi essa primeira implantação? Me descreve, a senhora foi convidada e a senhora entrou e começou a conhecer o programa.

R: É, não, o secretário da saúde conversou com a irmã Dulce, então era a coordenadora do PACS, em Palmas, conversou com a irmã Dulce e mostrou o desejo de implantar o PACS aqui para melhorar as condições básicas da cidade. Ela aceitou, também o secretário Doutor Eduardo de Andrade também foi a favor, e nós começamos a trabalhar para que houvesse aqui a sensibilização da comunidade. Uma vez que, uma vez que eu aceitei, eu já comecei também a participar de encontros em Palmas, pra ir treinando, para ir... Entrando em contato com o pessoal da saúde. E em novembro, a dizer, veio a equipe de Palmas, veio fez a sensibilização do município, o mapeamento da área...

P/1: Hum, hum...

R: E logo então nós começamos a fazer as inscrições. Nessas inscrições há um exame de seleção, mas foi classificado dez. Três para a zona rural e sete para a zona urbana.

P/1: Quantas pessoas se candidataram?

R: Uns trezentos e tantos.

P/1: É mesmo?

R: Verdade. Aqui há muita carência de emprego, muitíssima. E quando aparece, assim, todo mundo...

P/1: Então, a motivação maior das pessoas foi conseguir um dinheiro?

R: É, inclusive jovens. Nesse momento, eu era recém-chegada, nesse momento eu vi o tanto que aqui precisa de fábricas, de alguma coisa que gere empregos...

P/1: É porque as pessoas...

R: Eu perguntava pra esses rapazes: "Porque quê vocês vão se inscrever? Você não tem trabalho?" "Não, não tenho." "Que quê você faz?" primeiro eu dizia: "Que quê você faz?" "Faço nada, só estudo." "Que horas, qual o horário de seu estudo?" "À noite." "E durante o dia?" "Durante o dia eu não faço nada." Então a gente não podia, tinha que...

P/1: Então se inscreveu muito rapaz jovem...

R: Sim, muitos jovens, moças...

P/1: Quem mais se inscreveu?

R: Idosos também, assim, pessoas assim que já trabalhavam, lavadeiras, garis, motoristas. Todos se inscreveram. Dona de casa.

P/1: E a senhora fez parte da seleção?

R: Não.

P/1: Não? (riso)

R: Não, não posso. É o PACS, o programa não permite que o coordenador, o instrutor, prefeito, as pessoas da cidade participem. Ele tem, vêm uma equipe de fora e preparada.

P/1: Então como que funciona? A senhora era instrutora supervisora?

R: Sim.

P/1: Qual é exatamente o seu trabalho? O que a senhora tem que fazer?

R: O meu trabalho é a capacitação dos agentes, para trabalhar nas áreas de saúde, também no posto de saúde, tem quatro horas no posto de saúde, e quatro horas, quatro horas com os agentes. Nesse trabalho com os agentes, a gente prepara o material pra eles, junto com eles, faz reuniões, duas reuniões por mês, vai às áreas dar palestras educativas de, em saúde. E no posto, no posto o atendimento de rotina, gestantes, curativos, crianças, pesagem de crianças, vacinação, que é o nosso trabalho de prevenção.

P/1: E o que...

R: E o que mais, o trabalho assim que a gente desenvolve mais mesmo são, é o trabalho na periferia. Nas periferias urbanas com palestras...

P/1: A senhora está dizendo a periferia aqui de Aliança.



R: É, de Aliança principalmente, porque a gente sai também pra zona rural.

P/1: E o que quê é que a senhora acha assim de maior, dos maiores problemas que a senhora enfrenta?

R: Aí é que está, porque tem muitos problemas aqui. Infelizmente, nós não dispomos aqui de uma equipe especializada com psicólogo, com bioquímico, assistente social, veterinário, nós não temos. E nós temos problemas com açougueiros, né, problema básico mesmo, de higiene. As cisternas aqui quase todas, a água aqui é água de cisterna, nós não temos aqui água encanada.

P/1: Então água direto da chuva?

R: Então todos das cisternas, então... Não, cisternas.

P/1: Poços?

R: Poços, né? Então, aqui o trabalho nosso intensivo é contra dengue, diário, diário. Sempre passando, sempre visitando, o trabalho dos agentes sempre visitando, orientando, mostrando e ajudando até, até muitas vezes vai com a pessoa lá recolher o lixo do quintal. Ela fala, uma, duas vezes, ela não importa, a gente pega o saco de lixo, vai com ela catar o lixo.

P/1: Então o pessoal que é visitado é em geral pessoal bem carente?

R: Nós temos aqueles que moram no centro que é mais esclarecido, né? E tem os da periferia, dos bairros, né? \_\_\_\_\_ na vizinhança que é mais carente. E também por causa de a gente não, porque Aliança, de Aliança não ter ainda um trabalho, né, básico na cidade, a gente não tem água encanada, não tem essa equipe para trabalhar, dificulta muito o trabalho deles, porque todo problema recai em cima do agente. Todo problema de Aliança.

P/1: Pra todo problema...

R: Todo problema de Aliança, desde, todas as áreas que tem agente tudo que tem, é o agente que tem que olhar. Se tem uma água escorrendo na rua, o agente que tem que olhar, se tem um açougue que não vai bem o agente que olha. Se tem um doente que precisa, que precisa de consulta, de ser encaminhado, o agente que olha. É tudo. Em cidade pequena é isso, nós olhamos tudo. E muitas vezes ainda deixa muito a desejar. A gente trabalha, faz oito horas por dia e deixa muito a desejar porque nós não damos conta de atender a população. Nós agentes, né, não damos conta.

P/1: Mas a senhora na casa, por exemplo, o agente chega à casa...

R: ...Conhecido na área. Então, qualquer problema que tem, principalmente na área de saúde, ele recorre ao agente.

P/1: Por exemplo, a pessoa precisa de um remédio, o que ela faz?

R: Se ela está precisando, ela é encaminhada para o posto...

P/1: Mas ela acha...

R: ...Para consultar? Aí, porque quê ela precisa deste remédio? E ela, porque, qual motivo? Aí o agente vai ver o que é, o que precisa fazer e encaminha ela a consulta. Quando ela não pode vir, o agente mesmo marca a consulta, se é uma pessoa assim mais tímida, que não quer vir, então a gente aconselha: "Olha, eu vou marcar a consulta pra você, e você vai tal dia e tal hora eu trago pra você." Se ela não quer ir ou ela não vem, o agente vem junto.

P/1: E em geral, as pessoas elas querem vir, vem...

R: Sim, não...

P/1: ... Elas são abertas ao trabalho...

R: Não, não, sim, sim. De um modo geral aqui o posto é muito, muito procurado, nós temos muita gestantes, nós temos a média de 37 gestantes \_\_\_\_\_ por mês, que são acompanhadas, que procuram o posto, nós temos a vacinação, vacinação em dias assim nós temos a média de 33,2. A vacina que eu digo que é pro pré natal em dia, né?

P/1: Hum, hum. E o que a senhora acha que o trabalho do agente muda, mudou alguma coisa? A senhora já chegou junto com isso, né?

R: Sim, mudou muito. No início, era difícil por que a gente estava começando, não conhecia bem o programa e o trabalho, não conhecia a população, as prioridades. E na medida em que a gente foi fazendo o levantamento, né, cadastrando, a gente foi deparando com outra realidade, com outra necessidade e foi separando também a prioridade de cada...

P/1: Que tipo de necessidades existiam? As maiores, que a senhora se lembra?

R: O pessoal aqui tem muita carência. Carência assim de gênero alimentício, quer dizer, alimentam pouco...

P/1: O que o pessoal come em geral?

R: Em geral, eles comem arroz, feijão e uma verdura. De modo especial a abóbora.

P/1: Porque, dá muita abóbora aqui?

R: Dá. Mas é porque gostam

P/1: Gostam de abóbora?

R: É porque gostam. Esse é o pessoal mais pobre.

P/1: A pessoa mais pobre come arroz, feijão...

R: É.

P/1: O arroz é comprado? Feijão também?

R: Comprado, também

P/1: E abóbora?

R: Às vezes é comprado também. Quem mora aqui na cidade, né... Quem tem um sítio ainda pode ter plantado. Quem mora na cidade compra. Ganha também, um dá para o outro. Mas a gente nota também que aqui o saneamento básico, nós não temos ainda. Não tem água encanada, as ruas não são asfaltadas. Só o centro só algumas ruas que são asfaltadas. Nós não temos aqui vigilância sanitária para olhar os açougues. Então...

P/1: O pessoal come muita carne aqui?

R: Come. Então tem mato, clandestinamente traz pra vender aqui. Não tem uma fiscalização. Então isso tudo concorre. Há muita verminose aqui, que... O tempo, principalmente na época da chuva, enxurrada que lava, porque... Faz-se necessidade de céu aberto. Não tem privadas. Algumas... Nós temos aqui o gráfico, depois você pode olhar o gráfico, pra ver.

P/1: Tá.

R: Aquele gráfico foi feito quando iniciamos a implantação. \_\_\_\_\_ de 96. Eu não tenho ainda, eu ainda não tenho o gráfico de 97...

P/1: Hum, hum..

R: Eu tenho mensalmente, mas não está ainda assim traçado...

P/1: Tá. Tabulado.

R: ... Tabulado.

P/1: Mas o que você a senhora acha desde o início? O que você veio mudando nesses anos?

R: Eu noto que as pessoas têm procurado com mais frequência o posto de saúde para exames preventivos, para vacinação, para pesagem das crianças, para consulta. As gestantes, nós temos agora, toda quarta feira, para as gestantes consulta, elas consultam, faz o pré natal, vacina. A gente nota...

P/1: Isso mudou?

R: Aumentou, aumentou muito.

P/1: Quando a senhora começou o pessoal não procurava muito as coisas?

R: Menos, procurava, mas era menos. Aumentou muito. A gente notou também, observou também que as crianças, que antes estavam desnutridas, com o trabalho das gestantes levantaram o peso, aumentou o peso. Tem acompanhamento. O cartão de vacina deles também é controlado pelo, pelos ACS [Agente Comunitário de Saúde] mensalmente. O ACS visita as família, uma, duas vezes por mês. Se for uma família que necessita, vai mais vezes, senão é uma vez e quando há criança pequena, gestante ou \_\_\_\_\_ vai mais de uma vez. E eu notei também que o trabalho, a bicicleta e o equipamento que a Abifarma doou pra nós ajudaram muito mesmo, fizeram com que eles tornassem mais ágil no trabalho, fazendo mais em menos tempo, né?

P/1: Hum, hum...mas o que quê a senhora acha, por exemplo, tinha bicicleta aqui antes?

R: Alguns tinham a sua.

P/1: Usava sua própria bicicleta?

R: Usava sua própria, ou dele, ou então do irmão, ou do pai, ou do marido, assim, sabe? Era assim. A maioria usava a do outro. Ou do irmão, ou do... As casadas usavam a do marido. E quando ofereceu foi ótimo, porque aí acabou o problema. O marido pode sair na sua bicicleta, ela sai na dela, o irmão também não precisa brigar mais por causa da bicicleta. Cada um já tem a sua, e todos gostam muito do trabalho e zelam pelo material. Nós temos a oficina de conserto, qualquer problema que tem, leva na oficina...

P/1: E o que quê a senhora acha que mudou, por exemplo, o pessoal que se candidatou a agente e que acabou virando agente, eles mudaram? Eles mesmo? Por que eles eram pessoas...

R: Nós fizemos uma avaliação no final do ano e eu gostei muito da avaliação deles, né? De início o que eles pensavam que fosse, na medida em que foram trabalhando, foram crescendo, foram entrosando com as família, eles passam pra gente com aquela alegria, sabe? O número de amizade que adquiriu, a confiança, as pessoas assim mais desenvolvidas, antes tinha um quintal às vezes sujo, desleixado, agora já cuida. Tem aquele carinho para com a gente, que a gente passa ou não passa lá: "Você passou na minha porta e não entrou." Então nota isso, nota também que as pessoas também estão mais esclarecidas. Para que...

P/1: Os agentes ou o pessoal que eles vão?

R: Os agentes e as pessoas também. Os agentes também com a participação de palestras e cursos, com o treinamento que a gente faz de capacitação pra eles. Eles estão ficando, estão desenvolvendo mais e ficando mais capacitados para futuramente até fazer curso de saúde.

P/1: E como que a senhora sabe, por exemplo, se o agente tá fazendo o trabalho direitinho? A senhora supervisiona, né? Que quê a senhora...

R: Eu tenho vários métodos. Eu faço visita de improviso na área, durante o dia, qualquer hora. Na área às vezes até encontro com ele trabalhando, às vezes não. Interrogo a família, se ele tem passado, nós elaboramos uma ficha do agente para colocar em cada casa e com, cada vez que eles passavam lá ele registra o nome dele e a data. Então eu chego lá eu olho na ficha, se ele passou ou não. Pergunto à família também, se ele passou ou não. E todo o final de semana eles me entregam a produtividade.

P/1: Produtividade é o número de...?

R: É o trabalho deles, que eles fazem durante a semana. As crianças que eles pesam, que eles atendem, os encaminhamentos, as família que eles visitam, as palestras que eles dão. Todas as palestras que eles dão, aliás, a gente acompanha porque eu passo o material, eu olho se... Acompanhamento de perto. Às vezes vou também, dar apoio. E desse modo...

P/1: E quando um agente não é bom? O que é um agente...? A senhora já demitiu um agente?

R: Não, não...

P/1: A senhora já pediu pra tirar...?

R: Não, mas já conversei com eles, eu chamo várias vezes, converso, mostro...

P/1: O que a senhora quer...

R: ... Mostro, mostro...

P/1:... Que coisa que a senhora vê que tá ruim?

R: Muitas vezes eu passo nas casas, ele não passou por lá, ou então tem um doente que ele não visitou, tem uma gestante que está com o cartão atrasado, tem uma criança que não está pesada. Aí eu chamo por que quê está acontecendo. Ou quem sabe às vezes a eu vou a \_\_\_\_\_ chego lá, encontro um deles sem me avisar.

P/1: Já aconteceu isso? (risos)

R: "Ora, comadre, desculpa, eu vim, sem, não deu pra falar pra senhora." "Da outra vez vai dar."

P/1: Ah, ele fala assim?

R: Não, eu é que falo. "Dessa vez não deu, né? Mas da outra vez, não venha sem avisar. Não pode. Porque se eu preciso de você, onde você está, vou te procurar. Você não está. Se alguém precisa de você na área, daí eu sabendo que você não está, qualquer problema eu vou cobrir

este problema, sei lá, né? Vou dar cobertura”. Agora por exemplo, nós estamos com uma, uma gente em licença maternidade. Desde que ela foi para o hospital, as agentes, eu reuni com as agentes aqui só da área urbana e nós estamos dando assistência, cobertura, cobertura todos, cobertura todos os meses.

P/1: Hum..

R: Essa aqui é a escala que a gente...

P/1: Ah, isso é uma escala?

R: ...Em relação aos ACS que estão cobrindo a área (3?) no mês tal. Então, sexta feira, dia tal, fulano, sicrano e beltrano.

P/1: A maior parte dos seus agentes é homem ou é mulher?

R: Eu só tenho dois homens.

P/1: A maior parte é mulher?

R: Todas mulheres...

P/1: E é diferente...

R: Casadas.

P/1: O trabalho... Casadas! E elas têm filhos...?

R: É. As que não são, tem só uma ou duas que não são casadas. Acho que só uma. Vai casar agora.

P/1: Isso atrapalha o trabalho?

R: Não. Por ser casada não atrapalha, ao contrário, até ajuda. Por que já tem assim, uma experiência de vida para repassar também para as famílias. Já são mais maduras, né? Mas as solteiras são mais livres. A gente precisa, dão um recado: “Vai chamar fulano”. Elas montam na bicicleta e vão, então estão mais... Parece que são mais dinâmicas. Não tem os filhos que às vezes...

P/1: Hum, hum. E os homens?

R: Eu tenho dois na zona rural. As supervisões que eu fiz, as vezes que eu supervisionei a área, as vezes que a gente foi para qualquer trabalho referente à saúde, eu tentei descobrir alguma coisa, visitando as famílias, perguntando, aquelas famílias que não tinham nada a ver com eles, que não eram parentes, todos estão contentes com eles. Dizem que eles trabalham bem “Eu estou pensando em tirar este agente e colocar outro, porque ele não está desempenhando bem seu trabalho.” “De jeito nenhum, irmã, não pode fazer isso. Nós já conhecemos ele, ele já nos conhece, nós estamos entrosando bem. Ele está fazendo um trabalho bom aqui.” Ele já vai citando o que é que ele faz, as visitas, as orientações, as palestras...

P/1: E o pessoal gosta de receber o agente...?

R: Gosta, gosta muito e reclama quando ele não passa. Porque não é, não é possível o agente passar em todas as casas todos os dias. É uma vez por mês. Como eu já disse antes, só passa mais vezes, só visita mais vezes se houver doença, houver necessidade, né? Uma gestante, \_\_\_\_\_, ou um velhinho doente ou qualquer outro motivo que requer a sua visita, senão é uma vez por mês. Nós temos outros trabalhos.

P/1: Hum, hum.. Agora voltando ao material, irmã, quando que foi que chegou esse material aqui?

R: Foi em outubro de 96.

P/1: A senhora sabia que ia chegar? Ou a senhora que pediu?

R: Nós... Não, nós não fizemos pedido, foi Palmas. Nós participamos de um encontro: Os Agentes Comunitários de Saúde, foi encontro estadual, em Palmas, e lá houve, tinha um representante da ABIFARMA e estava a exposição do material. E nesse dia, houve um treinamento, e nesse dia nós fizemos, cada supervisor fez a relação de quantas bicicletas precisava, material, quem tinha bicicleta, quem não tinha.

P/1: Quer dizer, por exemplo, a senhora, a senhora precisava de quantas, a senhora...?

R: Dez.

P/1: Dez bicicletas?

R: É.

P/1: E a senhora trouxe as dez bicicletas?

R: Não. A gente só fez a requisição, né? Só deu para as meninas lá do programa, quantos agentes, se todos, quem tinha bicicleta e quem não tinha. E ficou lá. Depois é que veio.

P/1: E a senhora lembra que mais é que...

R: Demorou bastante a vir, porque não estava separado ainda o material, ainda estava todo na embalagem...

P/1: E demorou?

R: É, demorou.

P/1: Demorou quanto tempo?

R: Aqui foi (a chegada?), né? Nós fizemos o encontro lá em abril...

P/1: Ah, quer dizer...

R: ...Abril, maio...

P/1: ...Chegou em outubro?

R: ...Que nós tivemos este encontro. Depois que este material chegou. Ele chegou em outubro.

P/1: E o que quê foi que chegou de lá pra senhora?

R: A bicicleta, o colete, colete, fita, fita métrica, o medidor de pulso, deixa eu ver o que mais.. .A bolsa pra gente colocar, a mochila, pra colocar o material. Acho que foi isso.

P/1: E isso tinha... E termômetro chegou também ou não?

R: Como?

P/1: Termômetro.

R: (pausa). Parece que termômetro não...Não, termômetro também. Termômetro chegou também.

P/1: Esse material tinha aqui antes?

R: Não. Aqui no posto sim, mas eles não.

P/1: Eles não? O agente saia sem colete?

R: É. Quando nós fizemos treinamento, nós damos pra eles esta pasta escolar. Cabe pouca coisa, né?

P/1: Com as coisas, ele trabalha com essa pasta?

R: É, depois nós compramos...

P/1: Como que ele media pulso?

R: Ele não mede pulso.

P/1: E pra que tem o medidor de pulso? (risos)

R: (risos) É. Eles não são treinados nessa parte de ver pulso, coração, sabe, eles não são.

P/1: Mas então pra que quê ele ganhou um medidor de pulso?

R: A gente ensinou, mas a gente acha melhor vir aqui. Para evitar, porque eles não sabem, evitar depois de até assustar o paciente, né...

P/1: Entendi.

R: ... Ou pode não realmente ir bem, porque eles não são profissionais assim qualificados, né não fizeram curso específico.

P/1: Mas eles tiram temperatura também?

R: Verifica sim.

P/1: E isso é mais fácil?

R: É mais fácil, a gente mostra tudo, eles veem com eles, eu acho mais fácil. O aparelhinho é muito prático também, né? Mas, nem eu tenho, só eles é que tem.

P/1: Mas a senhora orienta pra não, não...

R: Eu oriento, é, eu oriento para não, não usar. Porque todas as pessoas visita aqui o posto. O posto tá aberto pra todo mundo o dia todo...

P/1: Não precisa.

R: ...Então aquilo que eu acho que não é necessário eles fazerem, eu aconselho eles: "Deixa, não faz."

P/1: A senhora acha que isso mudou alguma coisa no dia-a-dia do agente?

R: O material?

P/1: É.

R: MUITÍSSIMO. Mudou muito mesmo.

P/1: O quê?

R: Olha, só a bolsa para carregar o material, a bicicleta para andar, facilita mais, vai mais rápido, tem mais conforto. Trouxe conforto pra eles, mais segurança. E tudo isso eu acho que foi muito bom.

P/1: Na forma de eles trabalharem, eles ficaram mais \_\_\_\_\_?

R: Ficaram, porque tem uniforme também, né? Destaca a pessoa. Se ele não tivesse o uniforme, ninguém saberia que ele era agente de saúde. Às vezes ninguém procuraria. Já o uniforme usado, ele é mais procurado. É destacado, né, pela comunidade para qualquer trabalho.

P/1: Outras pessoas querem ser agentes?

R: Muitas, muitas.

P/1: Elas vêm aqui no Posto perguntar quando vai abrir?

R: Vem.

P/1: E por que a senhora acha que as pessoas querem ser agentes: pelo dinheiro, para trabalhar ou pelo...

R: Eu acredito que é a falta de emprego, né, que tem aqui, então... Eles são bem remunerados. O salário deles é um salário e meio. E, em geral, quem me procura, são sempre aqueles que já fizeram o exame de seleção, se candidatou, mas não passou. Não passou e está na fila aguardando ser chamado. Então vem me perguntar se não vai expandir mais, se não vai ampliar o programa. Nossa intenção é ampliar. Se Deus quiser, este ano, a gente espera ter a possibilidade de aumentar os agentes. Na zona rural, que está crescendo muito.

P/1: Ah, é? Na zona rural.

R: Aqui em cima também. Jardim Aliança tá ficando muito grande.

P/1: Quantas pessoas vivem em Aliança? A senhora tem ideia?

R: Antes desse censo, de 96, era 7 mil 460, aproximadamente. Com a mudança, com o desdobramento de (Crixás?), cresceu. Nós temos 6 mil e pouco.

P/1: 6 mil pessoas vivem por aqui, na cidade?

R: É, cidade e município.

P/1: E a maior parte dessas pessoas trabalha em quê?

R: Trabalha em zona rural.

P/1: Na terra?

R: Na terra. Outros vão para Gurupi, trabalha em Gurupi. Aqui nós temos fonte, que gera emprego, nós temos a Prefeitura, os colégios, como professoras estaduais e municipais, e temos o Posto Aliança, também, que é um número muito grande de funcionários, que ajuda muito também.

P/1: Posto?

R: Posto Aliança. A churrascaria aqui em cima.

P/1: Ah, tá, a churrascaria.

R: É. Posto Aliança, posto mesmo.

P/1: Mas a churrascaria é particular, não é do governo?

R: É particular.

P/1: E emprega o pessoal de garçom..

R: Ah, nós temos o Hospital, também, e o Posto de Saúde.

P/1: E tem fazenda aqui perto?

R: Tem muitas fazendas.

P/1: O pessoal não trabalha nas fazendas?

R: Eu não sei te explicar. Mas quem mora aqui na cidade, mora aqui. Não vão pra fazenda pra trabalhar. Quem vão são...

P/1: Quem mora lá.

R: Quem mora lá, os donos da fazenda. Mas os jovens, eles estudam, né? Estudam, depois ficam arrumando algum emprego por aqui, assim, alguma coisinha.

P/1: E tem muita gente que vai embora daqui? Os jovens vão embora?

R: Não, muito, muito, não. Mas vão.

P/1: Vão pra onde?

R: Vão para as outras cidades, né? Vai mais pra Gurupi. Estudar fora também.

P/1: E vai procurar emprego? A senhora acha que a pobreza aqui é muito grande? O que a senhora acha?

R: Eu acho que sim. Não sei se porque a gente, como religiosa, trabalha mais com os pobres, e a Igreja também é frequentada pela classe assim mais... Eu vejo assim muita necessidade. As pessoas aqui são muito pobres. Aqui é muita gente que passa fome. Por falta de emprego.

P/1: A senhora acha que isso está melhorando, piorando, ou está igual?

R: Com a presença dos agentes?

P/1: A presença dos agentes muda alguma coisa?

R: Não, nesse sentido não. Eu acredito que isso pode melhorar só quando aqui em Aliança tiver alguma indústria, alguma coisa que gere emprego. Mas no momento, não vejo alternativa pra isso. Quem já está empregado, está. E os outros...

P/1: Quem está empregado não passa fome?

R: Porque tem o salário, né?

P/1: Mas não passa. Com o salário dá pra viver?

R: É. Às vezes, dá. Algumas famílias não dá também, se dentro de casa tem o pai, a mãe, a vó, o avô e a criançada. Pode ter até o pai aposentado, ou então o avô aposentado, a mãe que trabalha fora, e o pai, às vezes dá pra remediar. Mas quando é só um que recebe, e todo mundo em casa, aí é muito difícil.

P/1: E a senhora, quais são seus planos? A senhora pretende ficar aqui, continuar esse trabalho? A senhora acha que esse trabalho vai aumentar?

R: Eu, como religiosa, eu não tenho assim lugar para ficar, fixo. Quando a Congregação precisa, e que solicita a gente para qualquer lugar, a gente tem que ir, né? A gente é livre de escolha, dizer sim ou não. A gente vai. Não é nem bom a gente ficar muito tempo em um lugar porque a gente vai ficando assim muito... Criando muito amor, e depois é mais difícil de sair (riso).

P/1: (riso) A senhora mora com quem?

R: Nós somos três irmãs.

P/1: E qual o seu sonho? O que a senhora gostaria que acontecesse?

R: Aqui?

P/1: Ou aqui ou na sua vida.

R: Para Aliança eu gostaria que tivesse... Agora com o novo Prefeito, né? Ele tá com muito boa vontade de ajudar, de fazer alguma coisa por Aliança. Então eu gostaria que o pessoal daqui tivesse algum meio de trabalho, algum meio que pudesse trabalhar, que pudesse ocupar. Principalmente os jovens, que são ociosos. Que tivessem algum meio que pudessem ocupar o seu tempo, que pudessem trabalhar, que pudessem ter o dinheiro pra eles fazer, para o seu uso pessoal. Gostaria que Aliança tivesse água encanada, fosse mais, tivesse mais aparência, fosse mais limpa, tivesse asfalto. Que os pobres daqui tivessem um meio de trabalho, alguma coisa. Por exemplo, os idosos aqui: nós não temos trabalho para idosos, uma distração, um lazer. Agora é que nós estamos pensando em trazer o programa do idoso pra cá. Mas vai depender da verba que... Nem sempre. Gostaria que aqui tivesse também Pró Menor. O Pró Menor é a casa para os menores, onde acolhe o menor durante o dia. Ele vai pra aula, supomos que ele vá pra aula de manhã, chegou da aula, ele vai direto para o núcleo do menor. Lá ele recebe refeição, ali ele estuda, ele faz as tarefas do colégio. Terminou as tarefas, ele vai trabalhar. Ele vai mexer com horta, vai mexer com olaria. As meninas vão bordar, vão pintar, vai costurar. Fazer essas coisas.

P/1: As crianças, normalmente, vão pra escola?

R: Vão.

P/1: Voltam pra casa...

R: Voltam pra casa.

P/1: E?

R: E pronto. Ficam em casa. Temos uma creche também. A creche só fornece o alimento. Não tem..

P/1: Atividade?

R: Não tem atividade nenhuma. Então vai lá, toma as refeições e vai embora. Fica em casa. Qualquer hora que você vai a casa, a casa tá lá cheio de menino.

P/1: (riso) Tá bom. A senhora gostaria de falar mais alguma coisa?

R: Ah, eu gostaria de agradecer a presença de vocês, né? Terem vindo aqui, lembrado de nós.

P/1: (riso)

R: E pra gente é um prazer muito grande poder atendê-los. E gostaria que vocês agradecessem, pessoalmente, o pessoal que nos doou o material, para ajudar. E, se possível, não nos esquecer com outros equipamentos, assim que pudesse desenvolver mais o nosso trabalho.

P/1: Se tivesse uma próxima doação, a senhora acha que deveria ser o quê?

R: Os meus agentes, época de chuva eles não tem guarda chuva, eles não tem capa de chuva. Infelizmente, eu fiz o pedido, mas não consegui. Eles não tem o calçado também. Porque gasta muito o calçado, né? Eles não tem o calçado adequado para a chuva. Quantas vezes eu estou aqui eles não chegam molhados? Porque não tem capa de chuva, não tem guarda chuva, calçado também (pausa). Calçado, né, eu disse para você. Se



pudesse comprar tênis para todos eles. Eu acho que no momento é isso. Agora, para a comunidade, nós fizemos campanha do filtro, e gostaríamos de fazer esse ano novamente.

P/1: Campanha do quê?

R: Filtro. Campanha do filtro. Todas as famílias que não tinha filtro, a gente fez o levantamento, e nós demos, por duas vezes, nós distribuímos filtros nas famílias. Mas sempre tem os mais carentes, né? E quando um vê o outro ganhar, quer também: “Ah, eu também sou pobre. Por que eu não ganhei?” “Não, na outra remessa vai ser você.” E aí vai indo.